

MICHEL FOUCAULT: O DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE NO DISCURSO MÉDICO E HIGIENISTA

Dirceu Arno Krüger Junior¹; Sônia Maria Schio²

¹Universidade Federal de Pelotas – dirceu.junior@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – soniaschio@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tópico indispensável no pensamento de Michel Foucault (1926 – 1984), em especial no que tange à sua pesquisa dos anos 1970, pois estas têm como base os processos de subjetivação que transformam o indivíduo no espaço social: “o sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie” (FOUCAULT, 2013a, p. 159). Tendo sua subjetividade envolvida, dessa forma, o indivíduo é posicionado em um processo de extração de saberes¹ pelos sistemas de poder², os quais intentam que o sujeito produza uma verdade³ sobre si mesmo. Em obras como *A Sociedade Punitiva (1972-1973)*, *Os Anormais (1974-1975)* e *História da Sexualidade, vol. I: A Vontade de Saber (1976)*, Foucault desenvolve parte de sua teoria–concernente ao estudo dos processos que subjetivam o indivíduo. Do mesmo modo que produzem saberes e reposicionam o indivíduo, no campo social, sustentando a estrutura moral mantida pelo *status quo*: “as quais os indivíduos podem ser submetidos, quanto à análise das técnicas das quais os homens, trabalhando a relação que os liga, se constituem e se transformam” (REVEL, 2011, p. 147). Dessa forma, a sexualidade, assim como a criminalidade e a loucura, representa uma das experiências de acesso à vida do indivíduo, principalmente no que é determinante ao seu corpo (uma soma de inscrições).

Antes de explicitar o aparato conceitual que sustenta a noção relacionada ao dispositivo de sexualidade, uma noção foucaultiana, é imprescindível entender a sexualidade como dispositivo. Em outros termos, é preciso compreender como o poder fundamenta-se na forma de um “ pilar teórico ” para o entendimento da sexualidade como uma urgência a ser sanada, higienizada, controlada e rastreada, ou seja, um como ela torna-se um dispositivo. O poder, para Foucault, é segmentado em três hipóteses principais para a percepção do estudo foucaultiano referente às estruturas do poder: I) O poder sob a hipótese de Thomas Hobbes (1588-1679. “soberania”); II) O poder no viés de Karl Marx (1818-1883. “repressão”); e III) O poder na perspectiva de Friedrich Nietzsche (1844-1900. “enfrentamento, luta”)⁴. Esta última hipótese, correspondente à ideia

¹ Em *Teorias e Instituições Penais* (1997, p. 17 – 24), curso ministrado no *Collège de France* em 1972, Foucault apresenta a três formas cabais de produção de saberes que fundamentam seu trabalho sobre as relações de poder e os processos que assujeitam o indivíduo no espectro social: A) Medida (pertinente a Civilização Grega Antiga); B) Inquérito (corresponde a formação do Estado Medieval); e, por fim C) Exame (competente as práticas e instituições na Modernidade). Esta pesquisa centra-se no “exame” como tentativa de produção de saberes na Modernidade a partir da perspectiva de Jeremy Bentham (1748 – 1832) e seu estudo sobre o Panoptismo.

² Tais como as fábricas, os hospitais, as escolas, os quartéis, etc.

³ A verdade é explanada neste viés conceitual como o resultado que é obtido, a partir do processo de produção de saberes. Verdade esta, a qual o indivíduo deverá manifestar ao prosseguimento da extração de saberes.

⁴ Esta separação é encontrada no *Vocabulário de Foucault* (2004) redigido pelo autor argentino Edgardo Castro que, ao escrever o verbete *Poder*, classifica a três hipóteses primordiais para a assimilação do estudo do poder no prisma do pensamento de Foucault. Para mais informações, acessar o verbete *Poder* no referido vocabulário (2016, p. 323 – 334).

nietzschiana de embate pelo poder, é basilar para o entendimento da sexualidade para além de uma perspectiva marxiana do “corpo para o trabalho”: “essa apropriação política do corpo busca extrair dele o máximo de forças utilizáveis para o trabalho, o maior tempo utilizável para a produção” (CASTRO, 2016, p. 402). A sexualidade⁵, aqui, é posicionada por Foucault para o âmbito da reapropriação do corpo individual, como forma de resistir e de transcender as práticas condicionadas pelos sistemas de produção que abordam o corpo do indivíduo como meramente uma força para o trabalho e, conseqüentemente, uma sustentação da base econômica da sociedade.

Foucault desenvolve, em *A Sociedade Punitiva*, a ideia das “instituições de sequestro”, subsidiadas pelas estruturas de poder: “quer se tratasse do colégio, da fábrica, do hospital psiquiátrico ou da prisão, quer das formas compactas de sequestração ou das formas abrangentes” (FOUCAULT, 2015b, p. 197). Estes recintos são especializados em “sequestrar” o tempo do indivíduo e otimizá-lo de forma que a produção seja maximizada, potencializada, de tal forma que o indivíduo não desperdice seu tempo, ou sua energia, de maneira a evitando a ociosidade e o cansaço. Com a ascensão da burguesia ao poder econômico e ao *status* na “pirâmide social”, principalmente no século XIX, o trabalho do proletariado foi monetarizado e consolidado de modo que a higienização de seus respectivos corpos e a saúde em geral precisassem ser sanitarizados para o melhor aproveitamento do tempo de vida e da força física destes. Dessa forma, as instâncias de sequestro representam um dos processos de maior eficiência no encarceramento do corpo individual e de manipulação da sexualidade, elevando o dispositivo de sexualidade a uma esfera de higienização pública, assim como privada, centrada no bem-estar e na proteção da família burguesa monogâmica e heterossexual. Dessa forma, nesse contexto, o dispositivo de sexualidade foi um dos instrumentos utilizados pelo poderio burguês para purificar seu próprio corpo. Tal como: seu sangue, ausente de tradição nobre, como forma de ascensão política, social e econômica, tornando-se, assim, uma categoria hegemônica.

Nestas acepções, este trabalho visa demonstrar como a sexualidade foi constantemente modificada e acoplada às necessidades dos gerenciamentos políticos, econômicos, sociais, pedagógicos e medicinais. Nesse sentido, torna-se um tópico sinuosamente saturado (a sexualidade), proclamado, discutido à medida que se sancionou como objeto de pesquisa, de especulação, de patologização pelas estruturas de poder nos ditames correlacionados à História da Civilização Moderna e Contemporânea Ocidental. Foucault, então, oferece ferramentas conceituais para o entendimento deste tema que é a sexualidade a qual, ao mesmo tempo em que é interpretada como um tabu, também é experienciada no espaço público, do mesmo modo que no privado.

2. METODOLOGIA

A análise bibliográfica é um dos componentes básicos para a realização do atual trabalho. Ressaltando a extensão dos escritos de Foucault, o trabalho

⁵ Importante ressaltar a diferenciação que Foucault faz de “sexo” e “sexualidade”. O sexo, na proposta foucaultiana, corresponde à parte reprodutiva da vida humana, de perpetuação das espécies e dos órgãos sexuais. A sexualidade, opostamente, projeta-se como a inteligibilização do sexo, isto é, a forma como as Ciências Humanas, a Medicina, a Psiquiatria, a Psicanálise, a Pedagogia, a abordam a sexualidade, como uma maneira de adentrar a subjetividade e catalogar o indivíduo no núcleo de um sistema que o dimensiona e se encarrega de reposicioná-lo na sociedade como um ser assujeitado.

centrou-se no período durante os anos 1970 que se relacionam a sua fase intitulada de “Período Genealógico”. Obras como *Vigiar e Punir* (1975) e um retorno a seus escritos dos anos de 1960 em *História da Loucura* (1961) e *O Nascimento da Clínica* (1963) foram alguns dos livros estudados para a compreensão de seu pensamento e a reflexão do tema referente à sexualidade como dispositivo e sua concepção nas esferas psiquiátrica, medicinal e psicanalítica. O que promove a sexualidade como saber saturado, patologizada, disseminadora de doenças, também de anomalias, que condicionam o indivíduo à exclusão social e à compulsória preservação de sua saúde mental e física, fundamentalmente pelo acesso à sua sexualidade, à sua vida. O estudo dos anos 1980, tendo como exemplo a *História da Sexualidade, vol. II: O Uso dos Prazeres* (1984), também contribuiu para alicerçar a reflexão de Foucault para além de seus escritos sessentistas e setentistas, centralizando seu estudo com base na cultura grega e no “cuidado de si”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma entrevista intitulada de *Sexualidade e Poder*, concedida no Japão, em 1978, Foucault dialoga sobre seu trabalho referente à sexualidade constatando, em sua exposição que a humanidade foi antecedida por um “supersaber”, quanto à sexualidade. Este “supersaber” equivale a uma “sobrecarga” da questão concernente ao conteúdo da sexualidade, expondo-a à espetacularização. Esta pesquisa permitiu demonstrar que o dispositivo de sexualidade, ao mesmo tempo que exclui o indivíduo, o qual não se adapta ao regramento moral imposto pela norma da higienização da sexualidade, também é mantido em um “limbo social” a fim de estabelecer parâmetros de diferenciação entre o íntegro e o pervertido, na mesma forma que a razão e a desrazão, tratando-se de um estudo mais aprofundado da loucura.

Do mesmo modo que o indivíduo dito “insalubre sexualmente” é excluído pelas instâncias de poder e depositado nas casas de correção, nos hospitais psiquiátricos, nos presídios, ele também é mantido às margens da sociedade personificando o paradoxismo entre o “bem” e o “mal” que circundam o “mito da sexualidade”⁶. Da mesma maneira que a sexualidade é classificada como um tabu, como algo a ser proibido e obliterado, também deve ser exacerbadamente discutida, explicitada, teatralizada. É este poder que confere à sexualidade um “tópico de poucos”, isto é, o seu teor altamente audacioso que produz a “alegoria da perversão”, Entendida como anomalia, da problematização dos desejos, do corpo individual impregnado de sexualidade e de impulso sexual a ser contido e recolocado nos meandros do campo social.

Nessa proposta teórica, Foucault esclarece a sexualidade como uma capacidade de extrair verdades do indivíduo, com base nos processos de subjetivação e, conseqüentemente, de produção de saberes, tornando-a inteligível na sociedade. Isto é, uma camada acessível apenas aos constructos biológicos, políticos, socio-econômicos, psiquiátricos e patológicos. Foucault (2014, p. 162) explicita, no início dos anos 1970, que: “não é porque o espaço social se constituiu e se fechou em si que o criminoso foi excluído dele; e sim a possibilidade de exclusão dos indivíduos é um dos elementos de sua formação”. Demonstrando que a exclusão dos “indivíduos indesejados” (e a permanência deles no campo social) é necessária para a manutenção do *status quo*.

⁶ No como é abordada em relação a um tabu, mas deve-se ser incessantemente discutida, comentada e abordada ao grande público.

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa possibilitou, até o presente momento, um vislumbre da complexidade do pensamento de Foucault e a possibilidade de pensar a sexualidade nos moldes que permeiam a vivência o indivíduo na sociedade. A economia, a política, a sociologia, a geografia, são âmbitos que tornam possível a reflexão sobre a condição do indivíduo, enquanto ser perpassado pela disciplina, pelas relações de poder, e pelo acesso ilimitado a seu corpo na ação da sexualidade. As reflexões do autor permitem refletir sobre como as nuances do poder residem em todos os lugares na forma de "micropoderes", e como estes atuam na vida, na personalidade e na subjetividade dos indivíduos. A sexualidade, então, é um dos pontos mais íntimos e perspicazes na tentativa de encapsulação da subjetividade do sujeito, a fim de estudá-lo e reposicioná-lo no âmago do campo sociológico. Ou seja, como personagem individualizado, docilizado, domesticado e detentor de uma sexualidade interseccionada pelos sistemas de poder que permitem que este mesmo corpo individual possa "flutuar" na superfície da sociedade. Exercendo em si próprio, toda a normatização moral e social necessária a sua residência no *corpus* social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970–1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **Os anormais (1974–1975)**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- _____. **História da sexualidade, vol. II: o uso dos prazeres**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- _____. **História da sexualidade, vol. I: a vontade de saber**. 23 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013a.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41 ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- _____. **História da loucura na Idade Clássica**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013c.
- _____. **Aulas sobre a vontade de saber (1970-1971)**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- _____. Sexualidade e poder in: **Ditos e escritos, vol. V: ética, sexualidade, política**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c, pp. 55 – 75.
- _____. **O nascimento da clínica**. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a.
- _____. **A sociedade punitiva (1972–1973)**. São Paulo: Martins Fontes, 2015b.
- REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.